

---

# APONTAMENTOS TEÓRICOS ACERCA DA CRIANÇA E DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA SOB A ÓTICA DE RICHARD DAWKINS

Vanda Fortuna Serafim  
Maria Helena Azevedo

A atitude dos adultos face à criança, conforme nos indica Philippe Ariès (1997), mudou muito ao longo da história que conhecemos e continua certamente a mudar ainda hoje, diante dos nossos olhos. Não é objetivo deste artigo, entretanto, realizar uma análise histórica do conceito de criança e/ou teorias educativas voltadas para a mesma. Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa docente intitulado "Ciência, Ideias e Crenças" que objetiva compreender a relação entre estes três elementos nos discursos de alguns intelectuais, sendo que uma das problemáticas priorizadas foi analisar a forma como Richard Dawkins estabelece conexões entre religião e educação infantil, em sua obra *Deus, um delírio*.

Partindo dos aportes teóricos da História das Ideias, considera-se que todo conhecimento, inclusive o científico, está enraizado, inscrito no e dependente de um contexto cultural, social e histórico. O problema, todavia, consiste em saber quais são estas inscrições, enraizamentos, dependências, e se haveria - e em quais condições - certa autonomização e uma relativa emancipação do conhecimento e da ideia (MORIN, 2005).

Ao tornar o pensamento de Richard Dawkins acerca da relação entre a criança e a educação religiosa objeto de reflexão e obra *Deus, um delírio*, uma fonte histórica, o recorte histórico proposto consiste em analisar, como o século XXI, mais especialmente um pretense pensamento científico ocidental, desenvolveu reflexões teóricas articulando educação, religião e ciência.

O percurso eleito para apresentar a análise consiste em, primeiro, apresentar a trajetória acadêmica de Richard Dawkins e como ele ficou associado a defesa do ateísmo; em segundo lugar apresentar-se-á a estrutura da obra *Deus, um delírio*, buscando-se definir os temas e problemáticas que a compõe; em terceiro lugar, atentaremos a questão específica da criança e da educação religiosa na referida obra, para, por fim, tecer algumas reflexões sobre como estes temas são pensados por Dawkins e correlacionados a sua proposta em relação à ciência.

---

## RICHARD DAWKINS E A QUESTÃO DO ATEÍSMO

Clinton Richard Dawkins ou apenas Richard Dawkins, como é mais conhecido, nasceu em 1941 em Nairóbi no Quênia. Filho de imigrantes ingleses, ainda na adolescência foi para a Inglaterra, onde teve seu primeiro contato com as teorias de Darwin. O conhecimento apreendido com o darwinismo teria fornecido as bases para que ele fundamentasse sua concepção de ateísmo (DAWKINS, 2013).

Já em Oxford, onde também concluiu sua graduação em Zoologia, Richard Dawkins realizou seu doutorado sob a orientação do renomado etólogo e ganhador do Prêmio Nobel, Niko Tinbergen. Em 1967, ocupou o cargo de professor assistente na área de Zoologia na Universidade da Califórnia em Berkeley, e no mesmo ano publicou *O gene egoísta*, livro que foi sucesso imediato. Depois disso publicou diversas obras como *O fenótipo estendido* (1982), *O relojoeiro cego* (1986), *O rio que saía do Éden* (1995), *A escalada do monte improvável* (1996), *Desvendando o arco-íris* (1998), *O capelão do diabo* (2003), *A grande história da evolução* (2004), *Deus, um delírio* (2006), *O maior espetáculo da terra* (2009), *A magia da realidade* (2011) e sua autobiografia *An appetite for Wonder: the making of scientist* (2013), além de vários artigos, documentários, entrevistas concedidas para programas de televisão e rádio, participação em congressos e palestras, entre outros. (DAWKINS, 2013).

Suas pesquisas, como também sua abordagem, voltam-se tanto para um público não especializado quanto para a academia. Este aspecto fez com que Dawkins ganhasse vários prêmios, entre eles estão: *Royal Society of Literature* e *Los Angeles Times Prize* ambos em 1987 pelo seu livro *O relojoeiro cego*. Ganhou ainda a *Silver Medal of the Zoological Society of London* (1989), a *Royal Society's Michael Faraday Award* (1990), a *Nakayama Prize for Achievement in Human Science* (1990), a *International Cosmos Prize* (1997) e o *Kistler Prize* (2001). O zoólogo também ocupou a cadeira Charles Simonyi de Compreensão pública da ciência de 1995 até 2008, ano em que se aposentou, em Oxford.

Dawkins, por meio de suas obras e aparições nos meios midiáticos, logrou uma ampla popularidade<sup>1</sup> entre o público leigo, exemplo disso é a eleição promovida pela *Prospect*, revista especializada em política, economia e atualidades, que em 2005, por intermédio de uma pesquisa

---

<sup>1</sup> Um exemplo dessa popularidade Dawkins, percebendo a internet como uma das principais percussoras das ideias do cientista, foi um levantamento feito por meio do *Youtube* que constatou a presença de mais de 300 produções com conteúdos diferentes e com visualizações que chegam a seis milhões de acessos em um único vídeo. Importante salientar, que este levantamento foi concluído em 18/03/2014, sendo passível de mudanças tanto no número de vídeos quanto no que se refere a quantidade de acessos.

---

com seus leitores, indicou Dawkins como terceiro intelectual mais influente do mundo e em 2013 o cientista alcançou o primeiro lugar. Com isso, fica evidente a larga divulgação da figura do polêmico pensador, que divide opiniões entre o senso comum e no âmbito científico em virtude de suas posições categóricas que geram polêmicas diversas. Exemplo disto foi a recente produção do documentário *The Unbelievers* (2013), em parceria com o físico Lawrence Krauss, no qual eles viajam ao redor do mundo pregando a supremacia da ciência e da razão, objetivando encorajar as pessoas a se livrarem do que seria o ‘mal religioso’, o filme ainda conta com uma série de entrevistas com celebridades e cientistas renomados, explicando porque a religião seria algo maléfico.

No Brasil, alguns pesquisadores voltaram seus estudos para a compreensão do pensamento de Richard Dawkins. Entre os trabalhos existentes está a dissertação de Maria Rita Spina Bueno (2008) *Níveis de seleção: uma avaliação feita a partir da teoria do “gene egoísta”*, que procura produzir um discurso dentro do âmbito da filosofia da biologia. A produção acadêmica envolvendo a figura de Dawkins, ainda passa pelo campo da teologia como aborda Marcio André Rocha da Conceição (2010) em sua tese de doutorado *A Fé em diálogo. Aspectos da teologia de André Torres Queiruga em diálogo com o pensamento neo-ateu de Richard Dawkins*, no qual ele procura assimilar o discurso neo-ateísta na figura de Dawkins. Podemos destacar também a tese de Gustavo Leal Toledo (2009) *Controvérsias Meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore*, que opera na área da filosofia da ciência e da biologia e que busca analisar as probabilidades da memética<sup>2</sup> de se constituir enquanto ciência.

Vale ressaltar o recentíssimo trabalho de Clarissa de Franco (2014) *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. Em sua tese para obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião, a psicóloga procura analisar as estruturas científicas as quais Dawkins se remete para construir seu discurso ateísta, percebendo também, através da aplicação de questionários, o impacto das principais ideias do zoólogo com relação à religião em diferentes grupos de ateus. Franco (2014), em sua tese procura analisar o ateísmo de Dawkins, percebendo o impacto de suas ideias na cultura brasileira, argumentando que o cenário político brasileiro se mostra favorável à ampla difusão das ideias do cientista.

---

<sup>2</sup> “Meme” foi um termo cunhado por Richard Dawkins em *O gene egoísta* (1976) que seria uma unidade de reprodução análoga ao gene, no entanto estaria ligado a reprodução das práticas culturais, transmitido através da imitação e propagação dos hábitos sociais entre os humanos.

---

Essas são as obras no âmbito da produção nacional que tomaram Richard Dawkins como objeto de estudo, nenhuma delas, no entanto foi desenvolvida no âmbito da História, mas se remetem as áreas da filosofia ou da teologia e a preocupação maior desses trabalhos parece voltar-se a compreensão do ateísmo e sua defesa por parte de Dawkins, no caso de Clarissa Franco (2014), por exemplo, atenta-se a recepção de suas ideias pelo público brasileiro. Ao contextualizar a figura do ateu, Giuseppe Galasso (1987) observa que este personagem é um produto típico da realidade europeia, suas bases, porém, não estão necessariamente ligadas a essa cultura. O autor observa, entretanto, uma fundamentação do ateísmo enquanto corrente de pensamento neste cenário. Dessa maneira, o ateu buscaria desligar-se de qualquer forma de sobrenaturalidade, delimitando uma clara fronteira entre materialismo e espiritualismo, e, delegando para cada um, predicativos onde o materialismo ganha mais importância em detrimento de uma visão sacralizada do mundo<sup>3</sup>. Nesse sentido, Dawkins tendeu a ser compreendido pela bibliografia especializada, enquanto parte de uma corrente “neo-ateísta”, na qual, segundo Marcio André Rocha da Conceição (2010), o adepto do movimento estaria ligado às ciências naturais, adotando posturas darwinistas, desejosos em eliminar a religião da humanidade<sup>4</sup>.

Exposta a trajetória e a produção acadêmica brasileira sobre Dawkins, convém ressaltar a ciência de que o autor é visto como *persona non grata* por muitos estudiosos, e não apenas no Brasil. Nesse sentido, gostaríamos de elucidar, já nos antecipando as possíveis críticas, que analisar a obra de Dawkins não implica em acatar suas posições, mas tão somente um exercício de historiador das ideias que objetiva compreender teorias, doutrinas, filosofias – as quais não devem ser julgadas somente como erros ou verdades na tradução que fazem da realidade – que não são apenas produtos de uma cultura, de uma classe ou de uma sociedade; as ideias são também produtoras da realidade social na qual se inserem. Há, portanto, de se considerar a inquietude que as colocações de Richard Dawkins causam entre seu grupo de leitores, seja para ovacioná-lo ou detratá-lo.

---

<sup>3</sup>Em um movimento de desclassificação da religião, este ateu acaba por desconsiderar as estruturas que envolvem a mesma. O ateu moderno, nos moldes europeu, se constitui envolto em um movimento de ação, ou seja, não basta a descrença no sobrenatural, há também de se desconsiderar as interferências religiosas no plano político-social da sociedade. (GALASSO, 1987).

<sup>4</sup> Segundo Conceição (2010) a pós-modernidade trouxe a tona uma variedade de fenômenos sociais, entre eles está o aparecimento deste ateísmo militante. A partir no final do século XIX e ao logo do século XX, pensadores como Karl Marx, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud, ajudaram a constituir as bases do teísmo moderno e começaram a exercer uma reflexão filosófica baseada na desconfiança.

---

## DEUS, UM DELÍRIO? CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DA OBRA.

Atentando a obra eleita enquanto fonte de pesquisa, *Deus, um delírio* (2007), esta foi publicada originalmente em 2006, sendo traduzida para mais de 30 idiomas e chega ao Brasil em 2007, com a tradução de Fernanda Ravagnani, pela editora Companhia das Letras. Dividida em dez capítulos, por meio dos quais já é possível captar alguns posicionamentos de Dawkins relativos à religião. O livro busca mostrar como a religião seria o delírio da sociedade, por estar repleta de aspectos maléficos, e, ao mesmo tempo, apontando uma nova alternativa, que seria entendida como a mais plausível nos tempos modernos: a ciência como único meio de conhecimento possível e aceito. Para isso, adota um discurso pretensamente científico, no qual o real condiz àquilo que passa pelos rigorosos métodos que são impostos pela ciência, como a verificação.

O primeiro capítulo intitulado “Um descrente profundamente religioso” procura esclarecer o seu posicionamento filosófico de Dawkins. Logo no início de sua obra se autodenomina um religioso no sentido einsteiniano: implicando a rejeição de qualquer crença sobrenatural e a adoção de uma grande admiração pela natureza e pela grandeza do universo em geral, buscando entendê-lo por meio de explicações científicas. (DAWKINS, 2007).

O segundo, “A hipótese que Deus existe”, faz um levantamento das correntes que defendem a hipótese que Deus existe, inclusive aquelas que não possuem uma conduta radical, como seria o caso do agnosticismo, e aponta que existem inúmeros enganos ao tratar a questão religiosa, especialmente as posturas que consideram a sua veracidade ou aceitação.

O capítulo seguinte “Argumentos para a existência de Deus”, com a tática de abordar as ideias contrárias para refutá-las, vai centrar-se nas teorias que defendem a existência de Deus, mostrando quais seriam as deficiências destas. É recorrente no discurso de Dawkins a utilização da lógica e da retórica para defender o molde científico enquanto parâmetro autêntico para refutar as ideias religiosas. (DAWKINS, 2007).

O quarto capítulo, “Por que quase com certeza Deus não existe”, volta-se aos princípios do *design* inteligente - que aborda que o universo teria de ter um projetista devido a sua complexidade - e entende que ele é em si uma falácia, na medida em que o criador também necessita de um projetista.

O quinto capítulo, “As raízes da religião”, mostra como a religião dentro da seleção natural seria um subproduto negativo de comportamentos essenciais para a sobrevivência humana, como por exemplo, a obediência infantil, para isso ele recorre a sua teoria dos memes, que seriam

---

unidades replicadoras de comportamentos sociais e que teriam o funcionamento análogo ao dos genes. Assim a religião seria como um vírus, que parasitaria em certos tipos de comportamento sociais.

O capítulo seguinte, “As raízes da moralidade: por que somos bons?”, intenta esfacelar algumas das premissas que entendem a religião enquanto modelo moral. O autor constrói seu discurso mostrando a disparidade do comportamento de pessoas cristãs com a bondade apregoada à religião. E sugere caminhos alternativos que explicam o motivo de sermos bons, de cunho darwinista e filosófico. Ainda tratando de moralidade, Dawkins indica, no sétimo capítulo “O livro do bem e o *zeitgeist* moral mutante”, que, ainda hoje, muitas pessoas consideram a Bíblia como código de conduta moral, no entanto, sua contra argumentação vai mostrar que este livro não está de acordo com a moral que temos hoje. Assim essa moral, segundo ele advém do que ele chama de “*Zeitgeist* moral” (2007, p.348), que se refere ao espírito de uma época, fruto de transformações sociais e que determinam nossa forma de pensar e conseqüentemente a nossa moral.

Para Dawkins a religião não teria se tornado apenas dispendiosa, mas acarretaria um caráter maléfico para a sociedade. Leitura esta que busca defender no oitavo capítulo “O que a religião tem de mal? Por que ser tão hostil?” (DAWKINS, 2007).

O penúltimo capítulo “Infância, abuso e a fuga da religião”, reforça a ideia do perigo da religião, voltando-se para a questão da criança inserida em um contexto religioso. Essa inserção forçosa da criança, que não teria poder de discernimento para decisão, além de restringir o acesso da mesma ao conhecimento científico, também causaria traumas psicológicos ao ensinar conceitos como o de inferno e das demais doutrinas cristãs. Assim, Dawkins propõe uma nova visão quanto ao ensino religioso, não o colocando como verdade absoluta, mas sim como parte de uma cultura literária. Embora todos os capítulos tragam premissas interessantes e inquietantes a serem debatidas, para a finalidade deste artigo, nos deteremos neste em específico, mais adiante.

Por fim, no último capítulo, “Uma lacuna muito necessária?”, Richard Dawkins defende que a religião funcionaria, para algumas pessoas, como uma espécie de consolo, o qual acarretaria uma visão estreita do mundo em que vivemos. O autor acredita que a ciência poderia facilmente tomar esse papel, pois oferece um alento para as angústias humanas, permitindo nos abrir em relação ao mundo e a uma era de evolução, guiada pela racionalidade científica.

---

## INFÂNCIA, ABUSO E A FUGA DA RELIGIÃO

O pai de Richard Dawkins foi um membro da *King's African Rifles* em missão no continente africano e sua mãe uma dona de casa. Ainda criança, aos oito anos de idade, mudou-se com a família para a Inglaterra, onde foi educado em colégios internos, antes de iniciar seus estudos na área da biologia. Em sua dinâmica de argumentação e contra argumentação, o autor dedica parte do seu livro para tratar acerca das crianças inseridas no universo religioso, expondo sua opinião no capítulo intitulado “Infância, abuso e a fuga da religião”. Utilizando-se de histórias elucidativas Richard Dawkins tenta mostrar como o sistema que normaliza os preceitos religiosos, dentro de uma determinada sociedade, pode ser prejudicial no que diz respeito à formação intelectual da criança.

O teor com que o autor aborda essa questão ganha teores ácidos e incisivos, aspecto marcante nos demais capítulos da sua obra. Quando, por exemplo, Dawkins apresenta uma história ocorrida no século XIX na Itália, relatada por David Kertzer em seu livro *O sequestro de Edgardo Mortara*. Nesta história verídica, um menino chamado Edgardo, filho de pais judeus, é arrancado dos braços dos pais e levado para o Catecúmeno (casa de conversão de judeus e muçulmanos), quando as autoridades religiosas ficam sabendo que ele foi batizado, clandestinamente, por uma babá católica, fazendo-se, portanto, necessário que ele fosse educado segundo a tradição católica.

O intuito de Dawkins ao apresentar este caso é ressaltar como o “dever religioso” entra em conflito com os sentimentos de humanidade, não somente no que concerne a ação da Igreja em retirar a criança do lar, mas, também, pelo fato da mesma ter passado pelo batismo, ainda que clandestino, que é caracterizado por Dawkins, em tom sarcástico, como “uns pingos d’água [e] algumas palavras”, e especialmente pelo posicionamento dos pais, que, possivelmente em um ato de firmeza, não se submeteram ao batismo católico e preferiram ter o filho tirado dos braços.

Este cenário, apesar de ocorrer no século XIX, serve para Dawkins exemplificar como existiria toda uma comunidade, que seguindo preceitos religiosos, concordava com a atitude da Igreja e ainda imputava à criança o estigma de “católica”. A possibilidade de atribuir o predicativo de religiosa à uma criança é entendido por Dawkins como um abuso, uma vez que ela não possuiria discernimento suficiente para rotular-se ou desenvolver um sentimento de pertença a qualquer religião. O enquadramento da criança enquanto católica, protestante, judia ou qualquer outra nomenclatura, advém, segundo Dawkins de um doutrinamento herdado dos pais e validado pela sociedade.

---

Quando Dawkins aborda o que seria abuso contra à criança, ele ironiza que prefere não se adentrar nos abusos sexuais cometidos por alguns religiosos, mas atentar para a questão da educação religiosa. Neste sentido, Dawkins acredita que “[...] por mais horrível que o abuso sexual sem dúvida seja, o prejuízo pode ser menor que o prejuízo infligido pela atitude de educar a criança dentro da religião católica” (DAWKINS, 2007, p.404).

A atenção especial de Dawkins à educação pode ser ligada ao fato de que o cientista coloca em primazia o conhecimento científico, com isso, a ciência ganharia um caráter libertador. No caminho contrário, o discurso religioso estaria envolto por certo obscurantismo, em dois níveis distintos: o primeiro, que já foi brevemente pontuado, seria que o conhecimento religioso privaria as pessoas, especialmente as crianças, de alcançar o conhecimento científico, o segundo é a questão do trauma psicológico que os ensinamentos religiosos causariam nas crianças.

Ao tratar da questão do trauma que certos preceitos religiosos poderiam causar nas crianças, e que poderiam perdurar pelo resto da vida, Dawkins cita um pastor Keenan Roberts, criador da “Casa do inferno”<sup>5</sup>. Este lugar teria o objetivo de ensinar as crianças o que aconteceria com elas caso morressem em transgressão religiosa. Dawkins relata que neste local eram encenados pecados, como aborto e homossexualidade. Tudo isso, era e é ensinado para crianças de doze anos, o que causa certo desconforto por parte do autor, que coloca que tais doutrinas pregadas são impostas sob a justificativa de salvar as almas das crianças. Esses tipos de ensinamentos na mentalidade infantil, para Dawkins, poderiam afetar psicologicamente a vida adulta de uma pessoa, para comprovar isso, o autor apresenta a carta recebida de uma mulher, que relata seu sofrimento:

Fui para uma escola católica aos cinco anos, e fui doutrina por freiras doutrinas de varas, chicotes e bastões. Durante minha adolescência li Darwin, e o que ele disse sobre evolução fez um enorme sentido na parte lógica de minha cabeça. Mas tenho vivido com muitos conflitos e tenho medo, lá no fundo, do fogo do inferno, que é deflagrado com bastante frequência. Já fiz um pouco de psicoterapia, que me permitiu trabalhar alguns de meus problemas mais antigos, mas não consigo superar esse medo profundo. (DAWKINS, 2007 p.409)

Richard Dawkins entende a religião como empecilho para a instauração do que seria o conhecimento libertador. Dessa forma, Dawkins cristaliza sua noção de criança com base no que ele acredita ser a proteção do infante, essa proteção para ele seria fornecer o tipo de educação adequada para este. A partir disso, podemos entender que a preocupação de Dawkins em relação às crianças

---

<sup>5</sup> Vide: <http://noticias.gospelprime.com.br/halloween-igrejas-conversao-dia-das-bruxas/> Acesso: 10/04/2015.

---

que são inseridas em uma determinada religião, não diz respeito somente ao sofrimento que a religião poderia ocasionar no infante, mas há uma visão implícita acerca da origem da religião e de sua continuidade.

Ao construir o quadro de crítica à religião, Dawkins parte do pressuposto do que ele chama de “imperativo darwinista”. Ele procura entender a religião, assim como suas consequências, dentro da dinâmica imposta pela sua interpretação da teoria de Darwin. Em sua percepção, a seleção natural darwinista não permite desperdícios, ou seja, todo tipo de comportamento ou característica vai ser determinante para a continuidade das espécies, sendo assim, esses comportamentos ou características vão sempre seguir um padrão de funcionalidade e adaptação.

Dawkins, apesar de entender a maioria dos tipos de sobrevivência sob essa perspectiva, lança um olhar diferenciado para a religião e alerta “um darwinista pode ficar tentado a dizer a mesma coisa sobre a religião; daí a necessidade desta discussão” (DAWKINS, 2007, p.217). A sobrevivência da religião, assim como sua propagação, estaria subentendida sob a dinâmica do que Dawkins denomina “memes”. Conforme já explicamos em nota, o termo foi cunhado pelo cientista em *O gene egoísta* e se referiria a uma unidade replicadora que, por sua vez, funcionaria de modo análogo aos genes, mas ao invés de transmitir características físicas, o meme seria responsável pela propagação dos comportamentos culturais, no entanto esse “replicador”, enquanto cópia, nunca é totalmente transmitido de forma completa:

“Agora, porém, temos de mencionar uma propriedade importante de qualquer processo de replicação: ele não é perfeito. Ocorrem erros nesse processo. [...] No entanto, se as cópias fossem feitas de outras cópias, que, por sua vez, tivessem sido feitas a partir de outras cópias também, os erros começariam a se acumular e se tornariam mais sérios. Tendemos a considerar ruins as cópias imprecisas [...]” (DAWKINS, 2007, p. 61).

A irregularidade desses replicadores também pode ser entendida quando Dawkins fala de religião. O autor entende que alguns comportamentos foram essenciais para a permanência da raça humana na terra, no entanto, esses “memes” que seguem a prerrogativa dos “replicadores”, podem ser submetidos a erros e a entrada de “parasitas”. A forma com que a religião é caracterizada por Dawkins é cristalizada enquanto um subproduto de formas de agir que foram importantes, mas não o são mais.

Dessa forma, Dawkins questiona o motivo pelo qual as pessoas, diante de uma quantidade enorme de evidências para a não existência de Deus, continuariam a morrer e a matar por suas

---

crenças de forma apaixonada. Sua resposta é que, a religião seria um subproduto que parasitaria em algum comportamento essencial para a sobrevivência humana. Esse comportamento essencial, ligado à origem e reprodução do discurso religioso, encontraria respaldo na obediência das crianças para com os mais velhos:

“Minha hipótese específica é sobre as crianças. Mais que qualquer outra espécie, sobrevivemos pela experiência acumulada pelas gerações anteriores, e essa experiência precisa ser transferida às crianças em nome da sua proteção e bem estar. [...] Mas, para dizer o mínimo, haverá uma vantagem seletiva para o cérebro de crianças dotados da seguinte regra geral: acredite, sem questionamentos, no que seus adultos lhe dizem. Obedeça a seus pais; obedeça aos anciãos da tribo, especialmente quando eles adotam um tom solene e ameaçador. Confie nos anciãos sem questionamentos. Essa é uma regra normalmente valiosa para uma criança. Mas, [...] ela pode dar errado.” (DAWKINS, 2007, p.230-231)

Com isso, podemos identificar a clara ligação que Dawkins estabelece entre as origens/continuidade religiosas com o abuso da criança. Pois, a religião inserida na dinâmica dos memes - onde certos comportamentos têm de ser reproduzidos – acarretaria a possibilidade de falhas naturais, abrindo espaços para que características malignas entrem em cena, dentre as quais estaria à religião.

Neste ciclo, a religião seria favorecida por uma “vantagem seletiva no cérebro das crianças” e ao ganhar corporeidade na sociedade atual se tornaria algo prejudicial, por dois motivos principais. O primeiro, o qual Dawkins dá mais ênfase em todo o livro, seria o fato que o pensamento religioso burlaria o conhecimento verdadeiro da sociedade em geral; o segundo, um pouco mais específico, mas muito importante, seria porque a inserção das crianças dentro de um contexto religioso se aproveitaria de uma característica particular do cérebro infantil de aceitação e obediência, causando sérios traumas psicológicos e restrições ao conhecimento.

A postura de Dawkins em relação à criança endossa a preocupação central da obra *Deus, um delírio*: encontrar uma “cura” para o “mal religioso”. Mas para isto, faz-se necessário identificar as causas desse mal, as quais, para Dawkins, consistiriam nessas brechas que os memes trariam na replicação de comportamentos humanos, mais especificamente na questão da cega obediência infantil. Identificando as causas desse “mal” é importante para Dawkins apontar os meios de “cura”. Para o cientista ensinar doutrinas religiosas para as crianças é um mal que deve ser combatido, em consequência disso, a educação das crianças já não seria mais uma responsabilidade apenas dirigida aos pais, mas sim uma preocupação de toda a sociedade, pois esta deveria se munir de forças para

---

acabar com a religião; e as crianças, sendo peças-chaves neste quesito, deveriam ser educadas segundo os padrões que seriam melhores para todos e não ficarem somente sob a responsabilidade de pais religiosos.

Isso não quer dizer que Dawkins seja contra a educação maternal e paternal, mas, pelo papel de conscientizador social que ele pretende sustentar, Dawkins sugere que a sociedade deva se preocupar com a educação infantil. Além disso, o autor aponta que as crianças deveriam ser levadas a pensar racionalmente, fazendo que elas ao invés de serem apresentadas ao “o que pensar” fossem direcionadas ao “como pensar”.

Neste contexto, a diversidade cultural e religiosa com relação à educação das crianças, como por exemplo, a mutilação genital feminina, que ocorre ainda hoje em algumas culturas, e a educação *amish*<sup>6</sup> são vistas por Dawkins como sendo uma restrição às livres escolhas que as crianças deveriam ter o direito de fazer. Assim, independente dessa “rica diversidade cultural humana”, Dawkins se atenta para o que seria o essencial: direcionar a criança para o conhecimento científico, que segundo ele a levaria a uma compreensão e não a uma imposição de valores, transmitindo instrumentos para que o infante pudesse, mais tarde, seguir o caminho que acreditasse ser melhor. Entendemos que, tais consensos por parte de Dawkins ganham um tom pretensamente universal, pois o cientista adota certos posicionamentos, que para ele dizem respeito a todos:

“Há uma condescendência devastadora em sacrificar pessoas, especialmente crianças, no altar da ‘diversidade’ e na virtude da preservação de uma variedade de tradições religiosas. O restante de nós vive feliz com nossos carros e computadores, vacinas e antibióticos. Mas vocês, pessoinhas exóticas com seus chapéus e calçolas, suas carroças, seu dialeto arcaico e suas casinhas de banho, vocês enriquecem nossa vida. É claro que se deve permitir que vocês aprisionem suas crianças em seu túnel do tempo seiscentista, senão perderíamos uma coisa irrecuperável. Uma pequena parte de mim consegue ver alguma coisa nisso. Mas a maior parte fica é com enjôo.” (DAWKINS, 2007, p.421)

É importante destacar que Dawkins, ao construir sua narrativa acerca da criança e a da necessidade de protegê-las da religião e/ou de culturas mais “atrasadas”, parte, em certa medida, das relações consolidadas no contexto da realidade atual. Dessa forma, Dawkins se permeia sob dois tipos de parâmetros principais para articular sua noção de criança: o primeiro, um pouco mais

---

<sup>6</sup>Segundo Dawkins, é uma cultura existente em várias regiões dos Estados Unidos, na qual “a maioria fala um dialeto alemão chamado holandês da Pensilvânia e rejeita em vários graus, a eletricidade, motores de combustão interna, zíperes e outras manifestações da vida moderna.” (DAWKINS, 2007, p.419-420).

---

restrito, diz respeito às discussões no âmbito dos cientistas que consideram o darwinismo como ponto de partida para pensar a sociedade, dentro dessa linha de visão, Richard Dawkins instaura uma relação entre origem religiosa e abuso infantil. O segundo parte de um pressuposto, mais consensual na sociedade moderna ocidental, mas que não deixaria de apresentar ressalvas, que é a proteção da criança, permitindo que Dawkins institua sua visão acerca da educação infantil e como essa deve ser feita.

Interessante perceber, além disso, quais seriam as influências que o próprio Dawkins teria recebido em sua infância na África. Ao escrever sua autobiografia intitulada *An appetite for wonder: the making of scientist*, Richard Dawkins (2013) apresenta-nos sua trajetória desde sua infância na África até a escrita de seu primeiro livro, assim como as circunstâncias e influências presentes no mesmo. A partir desse livro, podemos tentar traçar um breve paralelo acerca de passagens da vida Dawkins e sua concepção acerca da criança. Um relato interessante contado por Dawkins diz respeito aos acontecimentos que ocorreram logo após seu nascimento:

“Dr. Trim was [...] presumably the one responsible for having me circumcised. Obviously I wasn’t asked for my parents weren’t either! My father, away at the war, knew nothing of it. My mother was a simply informed as a matter of routine by a nurse that it was time for me to go for my circumcision, and that was that. Apparently it was the default presumption in Dr Trim’s nursing home – as it may have been in many British hospitals of the time: at my various boarding schools, the numbers circumcised and uncircumcised were about even, and there was no obvious correlation with religion, or social position or indeed anything else that I could detect.”  
(DAWKINS, 2013, p.36)

Mesmo que Richard Dawkins não atribua o fato de ter sido circuncidado na infância por motivos religiosos, podemos entender que ele se preocupa com a questão da criança ter a liberdade de escolha. Partindo desse aspecto em particular, quando se propõe a desqualificar a religião utilizando enquanto argumento para refutá-la a restrição da liberdade infantil, ele apresenta não somente uma preocupação em eliminar a religião. Mais do que isso, Dawkins parte das próprias experiências vividas para construir suas concepções em relação ao mundo, isso nos permite conjecturar que o cientista, ao encontrar argumentos para instituir um tipo de discurso que opõe religião e razão, o faz de modo que as marcas trazidas por ele por seu passado constituam o tipo de discurso que ele fomenta, portanto, sua desqualificação do discurso religioso não parte apenas de categorizar o que a religião em si possuiria de danoso, mas sim, perceber como as diversas

---

concepções subjetivas de Dawkins, neste caso no contexto da liberdade infantil, vão encontrar lugar também em seu ateísmo militante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como alertamos no início, a atitude dos adultos face à criança é histórica. O mesmo pode-se dizer acerca dos moldes e percepções sobre a educação das crianças. Desde uma teoria da educação que insistia na formação separada da criança e até do adolescente (a *paideia* entre os romanos), perpassando o confinamento de crianças pequeníssimas ao mosteiro, que deveria encarregar-se de sua educação como indica a regra de S. Bento (ARIÈS, 1997), até os dias atuais onde se estabelece normatizações acerca da criança e dos seus direitos<sup>7</sup>.

Para Morin (2005), a cultura impõe as regras sociais, que por sua vez regem de certo modo as ações individuais, que instauram uma nova cultura. Esses elementos sofrem de mútua dependência, na medida em que a cultura vai ser legitimada por uma prática social, que por sua vez está sujeita a um comportamento individual. Em suma, para o autor, a expressão cultural nos indivíduos obedece a esse grande gerador de normas éticas, que é cultura, sendo, portanto, expressão da mesma o produto cognitivo individual (MORIN, 2005).

A forma como a sociedade contemporânea pensa a criança e a infância não podem, portanto, ser compreendida a revelia dessa expressão cultural. Todavia, o fato de você possuir critérios indicadores que se pretendem universais - tais como *A declaração universal dos direitos humanos*, que indica que “Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimônio, gozam da mesma proteção social” – não significa que estes serão apreendidos da mesma maneira por distintos indivíduos ou sociedades.

Atentar as reflexões de Dawkins, possibilita perceber o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos (CHARTIER, 1990, 2002). Nesse sentido, são relevantes discussões de Carl Gustav Jung (2002) acerca do arquétipo da criança, a fim de

---

<sup>7</sup> Vide no caso do Brasil *O Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm) Acesso: 09/04/2015. Este documento estabelece enquanto criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos. Sendo que esta gozaria de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, lhe sendo assegurado, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

---

percebemos como Dawkins se “apropria” desta imagem, ou seja, como constrói sentidos históricos (CHARTIER, 1990, 2002) acerca da relação criança, educação e religião.

Chama a atenção o paradoxo presente em todos os mitos da criança, pelo fato de ela estar entregue e indefesa frente a inimigos poderosíssimos, constantemente ameaçada pelo perigo da extinção, mas possuindo forças que ultrapassam muito a medida humana. Esta afirmação se relaciona intimamente com o fato psicológico de a "criança" ser "insignificante" por um lado, isto é, desconhecida, "apenas" uma criança, mas por outro, divina. Do ponto de vista da consciência, parece tratar-se de um conteúdo insignificante sem nenhum caráter liberador ou salvífico. A consciência fica aprisionada em sua situação de conflito e os poderes que aí se digladiam parecem ser tão grandes que o conteúdo "criança" emerge isolado, sem nenhuma relação com os fatores da consciência. Por isso, ele não é notado, podendo retornar facilmente ao inconsciente. Pelo menos é o que deveríamos temer, se as coisas se comportassem de acordo com as nossas expectativas conscientes. (JUNG, 2002, p.170-171).

A preocupação de Dawkins ao pensar a criança está voltada à situação do infante inserido na religião, mas também possui um interesse em sustentar um pensamento, de caráter quase que universal, que a criança deve ser protegida. Vemos assim uma percepção da criança enquanto sujeito a ser tutelado, nenhuma novidade quando pensamos em documentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente, ou a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos. A originalidade na proposta de Dawkins, está na percepção da educação familiar enquanto algo maléfico, especialmente quando se tratar de uma família religiosa. Nesse caso, a própria família poderia ser o inimigo poderosíssimo ao qual a criança é entregue.

A forma como Dawkins pensa a educação parece se aproximar do processo que Ariès (2002b) identifica como ‘educação-transmissão’:

O problema de sobrevivência de uma sociedade consiste em assegurar a transmissão dos conhecimentos e dos valores que considera como essenciais. A educação é, sob este aspecto, o conjunto dos instrumentos que uma sociedade adota para garantir essa transmissão. Deste ponto de vista, é evidente que a transmissão não se faz em bloco: um sistema completo e coerente não tolera nenhuma modificação que não seja inconsciente ou involuntária. A transmissão deve permitir a conservação integral de tudo o que constitui a singularidade de uma sociedade, de tudo aquilo que a sociedade está fortemente apegada. (p. 372).

---

Ao tratar dos determinismos que pesam sobre o conhecimento, Morin (2005) recorre a Bacon e sua percepção das servidões socioculturais que pesam sobre o conhecimento e a necessidade de nos libertarmos dela.

Ele viu que o pensamento podia ser inconscientemente influenciado pelos “ídolos da tribo” (próprios da sociedade), pelos “ídolos da caverna” (próprios da educação), pelos ídolos do fórum (nascidos da ilusão da linguagem), pelos “ídolos do teatro” (nascidos das tradições). Assim, é admirável que no diagnóstico das determinações socioculturais do conhecimento, Bacon indicasse que a missão do conhecimento era emancipar-se para tornar-se ciência. Mas, foi preciso esperar o começo do século XIX para refletir-se sobre as condições sociológicas da emancipação do conhecimento, e o fim do mesmo século para descobrir que a própria ciência podia, inconscientemente, obedecer ídolos. (MORIN, 2005, p. 15)

Dawkins parece aproximar-se da visão de Bacon, mas ignorar a constatação final de Edgar Morin de que, a Ciência, também obedece a ídolos. A religião é percebida por Dawkins como um entrave à Ciência. A criança surge como fator determinante neste processo, pois é sua educação que determinará qual das duas prevalecerá no futuro. Sobre esta expectativa é relevante a afirmação abaixo:

Um aspecto fundamental do motivo da criança é o seu caráter de futuro. A criança é o futuro em potencial. Por isto a ocorrência do motivo da criança na psicologia do indivíduo significa em regra geral uma antecipação de desenvolvimentos futuros, mesmo que pareça tratar-se à primeira vista de uma configuração retrospectiva. A vida é um fluxo, um fluir para o futuro e não um dique que estanca e faz refluir. Não admira portanto que tantas vezes os salvadores míticos são crianças divinas. Isto corresponde exatamente às experiências da psicologia do indivíduo, as quais mostram que a "criança" prepara uma futura transformação da personalidade. No processo de individuação antecipa uma figura proveniente da síntese dos elementos conscientes e inconscientes da personalidade. É, portanto, um símbolo de unificação dos opostos, um mediador, ou um portador da salvação, um propiciador de completitude. (JUNG, 2002, p.165).

Pensar a relação entre a criança e a educação que ela recebe merece a atenção de Dawkins, pois ele entende que é por meio do processo educativo que a criança receberá, ou não, uma referência religiosa e/ou científica. A ciência terá uma ação efetiva na vida dos indivíduos na medida em que ela for, desde cedo, apresentada como ótica de leitura social e cultural, ao invés da religião.

---

Ao discutir o pensamento de Richard Dawkins e a maneira como o seu discurso articula educação, religião e ciência; foi possível perceber a historicidade destes temas, em especial as configurações que assumem na atualidade. Evidencia-se que não se tratam de três esferas desconectadas de um processo histórico de formação; uma vez que a educação tem sido pensada e repensada pelas diferentes sociedades históricas. Compreender como em *Deus, um delírio*, a educação se associa a possibilidade do triunfo da ciência sobre a religião, a partir da formação da criança, traz, não apenas, importantes contribuições à História das Ideias, mas nos permite conceber as leituras e representações presentes na sociedade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- Ariès, Philippe. Educação. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 12. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997. Pp. 372-380.
- Ariès, Philippe. Infância. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 12. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997. Pp. 360-371.
- BUENO, Maria Rita Spina. *Níveis de seleção: uma avaliação feita a partir da teoria do “gene egoísta”*. 2008. 111f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leitura. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- CONCEIÇÃO, Marcio André Rocha da. *A Fé em Diálogo. Aspectos da Teologia de André Torres Queiruga em diálogo com o pensamento neo-ateu de Richard Dawkins*. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica/Rio de Janeiro. Departamento de Teologia, Programa de Pós-Graduação em Teologia, 2010.
- DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_. *An appetite for Wonder: The making of scientist*. Inglaterra e Estados Unidos: Ecco Press, 2013.
- FRANCO, Clarissa de. *O ateísmo de Richard Dawkins nas fronteiras da ciência evolucionista e do senso comum*. 2014. 234f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- GALASSO, Giuseppe. Ateu. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 12. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. Pp. 339-369.
- JUNG, Carl Gustav. A psicologia do arquétipo da criança. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000. pp. 151-180.
- MORIN, Edgar. *O método 4: As idéias, habitat, vida, costumes, organização*. Trad. Juremir Machado. Lisboa: Biblioteca Universitária, 2005.
- TOLEDO, Gustavo Leal. *Controvérsias Meméticas: a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore*. 2009. 470f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

## FONTE IMPRESSA

- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

---

## RESUMO

O artigo tem como problemática analisar a forma como Richard Dawkins estabelece conexões entre religião, educação infantil e ciência, tomando como fonte histórica a obra *Deus, um delírio*. A abordagem teórica eleita para tanto parte da História das Ideias. Ao discutir o pensamento de Richard Dawkins e de que maneira seu discurso articula educação, religião e ciência, foi possível evidenciar a historicidade destes temas e as configurações que assumem na atualidade.

**Palavras-chave:** Richard Dawkins. História das Ideias. Criança.

## THEORETICAL NOTES ABOUT CHILD AND RELIGIOUS EDUCATION ON RICHARD DAWKINS' PERSPECTIVE.

### ABSTRACT

The article aims to examine how Richard Dawkins establishes connections between religion, early childhood education and science, using as a historical source the book *The God Delusion*. The theoretical approach chosen for that start of the History of Ideas. In discussing the thought of Richard Dawkins and how his speech articulates education, religion and Science, It was possible to demonstrate the historicity of these themes and settings which they take today.

**Keywords:** Richard Dawkins; History of Ideas. child.

*Submetido em: maio de 2015*  
*Aprovado em: dezembro de 2015*